

FMI prevê crescimento latino

Washington — Apesar dos enormes juros de sua dívida externa, a América Latina terá um crescimento de 3,3 por cento em 1987, mas sofrerá também o agravamento de sua inflação, que subirá de 86,5 por cento em 1986, a 97,7 em 1987 e 98,8 por cento em 1988, segundo as tabelas de perspectivas da economia mundial elaboradas pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), publicadas ontem.

Em 1986, o crescimento dos países em desenvolvimento do Hemisfério Ocidental, de 4 por cento, superou a média dos países em desenvolvimento em geral, que foi de 3,5 por cento, segundo mostram as cifras. Em 1987 e 1988, as nações da América Latina e Caribe crescerão 3,3 por cento e 4,7 por cento, respectivamente, também acima da média dos países em desenvolvimento em geral, de 3 e 4,1 por cento.

Apenas as nações em desenvolvimento da Ásia — cujo comércio exterior é mais dinâmico por estar baseado na venda de produtos industriais — superarão as taxas de crescimento da América Latina em 1986, 1987 e 1988, com 5,7, 5,1 e 5,4 por cento, respectivamente.

O serviço da dívida externa latino-americana, que em 1986 significou 45,6 por cento de suas exportações de bens e serviços, baixará em 1987 para 44,9 por cento, e em 1988 para 40,9 por cento, prevê o FMI.

Os cálculos mostram, também, que os países latino-americanos conservarão seu já histórico recorde mundial de inflação. Em 1985 ela alcançou seu nível mais alto, com 150,3 por cento, caindo no ano seguinte para 86,5 por cento graças às severas políticas anti-inflacionárias postas em prática por vários países, especialmente a Argentina, Bolívia e Brasil.

Para 1987, contudo, o FMI prevê um incremento da inflação latino-americana para 97,7 por cento, e para 1988 para 98,8 por cento. Por sua vez o déficit latino-americano em conta corrente, que em 1986 alcançou 16,1 bilhões de dólares, continuará negativo. Em 1987 chegará a 15,9 bilhões de dólares e em 1988 a 11,4 bilhões de dólares.

PALAVRAS VAZIAS

O ministro da Fazenda da Itália, Giovanni Gorla, tem vivido

nos últimos dias uma situação semelhante a de um vendedor que tenta fechar um negócio enquanto sua casa está desabando. Gorla tentou ontem persuadir os ministros da Fazenda do grupo dos cinco países industriais a dar um **status** de mais prestígio aos países como a Itália e o Canadá, que integram os grupos dos 7, porém sua tentativa era feita num momento em que o Partido Democrata-Cristão renunciava ao gabinete do **premier** Bettino Craxi. De fato, Gorla estava falando em nome de um governo cujo futuro era medido por horas em vez de anos.

Gorla disse a jornalistas que seu pedido ao grupo dos cinco — Estados Unidos, Alemanha Ocidental, Japão, França e Inglaterra — estava sendo **considerado**, pelos ministros da Fazenda e presidentes de bancos centrais desses países, mas não deu detalhes.

Alguns jornalistas italianos chegaram a dar sonoras risadas enquanto observavam o cuidado com que Gorla usava as palavras. “Deve ser difícil mesmo vir aqui para falar em nome de um governo que está caindo”, observou o jornalista.